

TESTEMUNHO DO ABADE ALMIGNANA

Tradução do opúsculo *Du Somnambulisme, des Tables Tournantes et des Mediums, considérés dans leurs rapports avec la Théologie et la Physique.* Rue St. Jacques, 42 — Paris.

INTRODUÇÃO

O sanombulismo, as mesas e os médiuns, sendo para nós fenômenos que precisavam ser mui seriamente estudados antes de se fazer juizo a seu respeito, tão depressa me cairam debaixo da vista, em vez de julgá-los *ex-abrupto*, como tantos fazem, tratei de submetê-los a numerosas experiências, na esperança de que me forneceriam fatos úteis á descoberta das causas de tão prodigiosos fenômenos.

Tendo já obtido alguns desses fatos, melhor ocasião jamais teria para publicá-los, do que no momento atual, em que dois sábios de primeira ordem, o Marquez de Mirville e o Conde de Gasparin, se empenham numa luta científica.

E julgo tanto mais oportuno êste momento, quanto os fatos fornecidos pelas minhas experiências, sendo contraditórios de certos pontos capitais das doutrinas emitidas na *Pneumatologia* de Mirville e no *Sobrenatural em geral* de Gasparin, darei ocasião a que procurem conciliar as suas opiniões com os meus fatos, ou *vice-versa*.

Fazendo-se nova luz sobre o tríplice fenômeno, corre-se poderosamente para a solução de um problema que não tem podido ser resolvido tão clara e positivamente, como convém á verdade, á ciéncia e á própria religião.

Tal é a minha crença e a de muitos a quem consultei antes de empreender o trabalho a que me impuz.

Quanto á linguagem dêste despretencioso escrito, é chã, por que, nascido e creado além dos Pirineus, não me é familiar o bom francês, como aos que nasceram e se crearam em França, e tiveram sábios e eloquentes mestres.

Simples, porém, como é, sai da pena de um homem que procura com empenho a verdade, sem que se desvie por considerações humanas, persuadido de que a sua posição terá a indulgência do leitor, a quem não a recusaria eu, se estivesse no mesmo caso.

Para tratar com ordem a questão em que vou entrar sem mais preliminares, dividirei o meu opúsculo em duas partes: na primeira, exporei os fatos que oponho á *Pneumatologia* de Mirville; na segunda, os que se entendem com o *Sobrenatural em geral* de Gasparin.

PARTE PRIMEIRA

O sonambulismo, as mesas falantes e os médiuns, não passam de obras do demônio, aos olhos do snr. de Mirville.

É esta, em resumo, a sua doutrina na *Pneumatologia*.

Em uma carta que tive a honra de dirigir á Sociedade Mesmeriana, de Paris, sobre a não intervenção do demônio no magnetismo terapêutico, carta publicada nos ns. 54, 56 e 57 do *Journal du Magnetisme*, estabeleci a existência do demônio, com as denominações que lhe dá a Escritura, bem como o poder que ele tem, por

permissão divina, de agir física e moralmente sobre o homem, segundo os próprios livros sagrados.

E, pois, não posso ser suspeito ao snr. de Mirville, quanto á demonologia.

Admitindo, porém, a existência do demônio e a sua ação sobre os homens, não posso partilhar a opinião do sábio, pois, se eu aceitasse a intervenção direta do demônio no sonambulismo magnético, nas mesas e nos médiuns, me colocaria em oposição ao ensino católico, sobre os possessos e sobre a maneira de livrá-los do maligno Espírito, como para demonstrar.

Há um axioma, tão velho como o mundo: *tirada a causa, cessa o efeito. Sublata causa, tolitur effectus.*

A verdade dêste axioma, mesmo em relação ás possesões diabólicas, acha-se explicitamente consagrada nas Sagradas Escrituras.

Apresentaram a Jesus Cristo um mudo para que o curasse; *oblatus est ei mutus.*

O Divino Mestre, conhecendo que o mutismo era causado pelo demônio, apressou-se em remover a causa, tirando o demônio do corpo do possesso; feito o que, o mudo falou no meio do povo cheio de admiração; *et cum efescicet demonium locutus est mutus admiratae sunt turbæ. (S. Lucas, c. XI).*

Havia em Filipus, na Macedônia, uma rapariga que, sendo possessa do demônio, tinha o dom de adivinhação em tal grau, que de todos os pontos vinham consultá-la, o que rendia grande proveito ao senhor dela.

S. Paulo tirou-lhe o demônio do corpo, e ela perdeu o dom de adivinhar, pelo que, os senhores dela arrastaram o santo apóstolo aos tribunais, como se fosse um malfeitor. (Atos, cap. XV).

Partindo dêsses princípios, segue-se que, se o demônio intervém diretamente no sonambulismo, nas mesas e nos médiuns, desde que seja expulso dos sonâmbulos, das mesas e dos médiuns, como Jesus Cristo o

expulsou do corpo do possesso e S. Paulo do corpo da rapariga de Filipes, os sonâmbulos devem *a fortiori* perder a sua licidez, as mesas ficar imóveis e os médiums ser incapazes de traçar uma linha. *Sublata causa tolitur effectus.*

O que importa é conhecer os meios de expelir o demônio donde quer que êle se meta. Esses meios são-nos indicados pelo ensino católico.

De fato, segundo êsse ensino, os demônios são expelidos pelos sagrados nomes de Deus e de Jesus, pela prece, pelo sinal da cruz, pela água benta e por exorcismos.

Conhecidos os meios de expelir os demônios, passo a expôr o resultado que obtive pela sua aplicação aos sonâmbulos, às mesas e aos médiums.

Tendo visto fenômenos extraordinários produzidos por sanâmbulos, e desejando reconhecer se tais fenômenos tinham alguma coisa de diabólico, aproveitei ocasiões em que encontrei sonâmbulos adormecidos por outros magnetisadores, e orei, invoquei os santos nomes de Deus e de Jesus, fiz o sinal da cruz sobre êles, e lancei-lhes água benta na intenção de expelir o demônio, se o demônio intervinha no sonambulismo.

Entretanto, nenhum dos sonâmbulos perdeu a menor parcela da sua lucidez, o que me fez crer que o demônio não tem parte alguma no sonambulismo magnético.

Eis um fato que deve chamar a atenção de todo o observador de boa fé:

Uma menina de treze anos, adormecida pela mãe, na minha casa, deu provas da maior lucidez, dizendo-nos que estava em comunicação com seres ultramundanos.

Assustado, confessou-o, pelo que se passava á minha visão, na dúvida que me oprimia de ser ou não o demônio o agente daqueles fenômenos, tomei o meu cru-

cifixo, e apresentando-o á lúcida, esconjurei-a pelo santo nome de Jesus.

E sabeis o que fez a sonâmbula? Em vez de repelir a imagem do Crucificado, tomou o crucifixo, levou-o respeitosamente aos lábios, e adorou-o, com a maior edificação para sua mãe e para mim.

Se o snr. de Mirville desejar conhecer a sonâmbula e seus pais, posso indicar-lhe a sua residência.

Esses meios, por mim empregados para ver se o demônio tinha parte no sonambulismo, têm sido igualmente empregados por outras pessoas piedosas no mesmo fim e com o mesmo resultado.

Se o snr. de Mirville desejar conhecer algumas dessas pessoas, posso facilitar-lhe o conhecimento.

Quanto aos exorcismos, sabe-se pela biografia da famosa sonâmbula *Prudêncio* que, embora muitas vezes exorcizada, nunca perdeu um só átomo da sua grande lucidez.

Aos fatos que acabo de referir, em favor da não intervenção do demônio, vêm juntar-se muitos outros de gênero diferente que, de certo modo, os confirmam.

Um dos modelos da eloquência sagrada, o rev. padre Lacordaire, falava sobre o sonambulismo em dezembro de 1846, e longe de qualificá-lo satânico, como o snr. de Mirville, disse o sábio dominicano, do alto da cadeira da verdade, na igreja de Nôtre-Dame de Paris, que êsse fenômeno pertencia á ordem profética, e que era uma preparação divina para humilhar o orgulho do materialismo.

Essa linguagem do alto da tribuna sagrada foi publicamente aprovada por monsenhor Afre, centro de unidade católica na diocese de Paris, o qual, dirigindo-se aos fieis, lhes disse: Meus irmãos, foi Deus que falou pela boca do ilustre dominicano.

Uma senhora, que é dotada de grande piedade, tendo sido abandonada em estado desesperado pela me-

dicina oficial, foi magnetizada por um parente e, num dos seus primeiros sonos, disse estar vendo uma pessoa que, segundo os sinais, parecia ser a bisavó da lúcida, falecida muitos anos antes do seu nascimento.

A sonâmbula foi curada pelos conselhos da sua bisavó, recebidos em sono magnético.

Julgando êste fato grave e interessante para a religião, fí-lo publicar no n. 19 do *Magnetisme Spiritueliste*, fazendo apêlo a todos os que, pelos seus conhecimentos, pudessem explicá-lo.

Entre aqueles a quem fiz apêlo, figuravam os teólogos, aos quais eu dizia:

"Seria o demônio que, tomado um corpo fantástico, revestiu a fórmula da bisavó de M. R. e a curou de uma moléstia por ela mesma criada?"

Ao Soberano Pontífice foram enviados alguns exemplares do citado jornal, por intermédio do Núncio Apostólico em Paris, e bem assim a Monsenhor Arcebispo de Paris, á Faculdade de Teologia da Sorbone, aos reverendos padres jesuitas da rua dos Postes, ao reverendo padre Lacordaire e ao Consistório Calvinista de Paris, rogando eu a todos que me esclarecessem sobre um fato tão grave.

Pois bem: até agora, lá vão já três anos, e nenhum daqueles altos personagens me disse que era o demônio o autor do fato sobre o qual chamei a sua atenção; o que prova ser êle estranho ao mesmo fato, sem o que não teriam deixado de me advertir, não fôsse senão pelo interesse da religião e por caridade para comigo.

Se o snr. de Mirville quer conhecer a sonâmbula a que me refiro, posso levá-la á sua casa.

Interrogai Monsenhor Sibour sobre o sonambulismo, e sua Grandeza dir-vos-á que as idéias emitidas pelos sonâmbulos não são mais que o reflexo das do magnetizador, sem vos falar sequer do demônio.

Mas, basta de sonambulismos, e passemos ás mesas.

Tenho feito grande número de experiências sobre as mesas giratórias e falantes, com leigos e com sacerdotes, homens de sentimentos religiosos, e até com um venerável bispo.

Desejando, no interesse da religião e das nossas almas, saber se o demônio é com efeito o agente do movimento e da linguagem das mesas, empregámos todos os meios que o ensino católico oferece para expeli-lo, inclusive o exorcismo, e nenhum resultado obtivemos.

Nem a prece, nem os sagrados nomes de Deus e de Jesus, nem o sinal da cruz, feito sobre as mesas, nem o crucifixo, nem os rosários, nem os Evangelhos, nem a imitação de Jesus Cristo, posta sobre as mesas, nem a água benta, puderam impedir que elas girassem, batesssem e respondessem.

Pelo contrário, vimos muitas vezes, com grande admiração, elas se inclinarem diante da imagem do Crucificado.

Direi mais: numa experiência que fiz com o bispo, foi êste quem fez o sinal da cruz sobre a mesa, sem que ela deixasse de mover-se.

Monsenhor perguntou-lhe se amava a cruz, e ela respondeu afirmativamente, causando surpresa ao ilustre varão vê-la inclinar-se diante da sua cruz pastoral e falar-lhe da vida futura da maneira ortodoxa.

Se o snr. de Mirville deseja conhecer a casa e a pessoa que fez com o bispo e comigo essa experiência, terei sumo prazer em satisfazê-lo.

Se, depois de todos êsses fatos, fôsse preciso raciocinar conforme a *Pneumatologia* do snr de Mirville, o único raciocínio possível seria êste:

O ensino católico sobre as pessoas diabólicas dá ás preces, aos santos nomes de Deus e de Jesus, ao sinal da cruz, á água benta e aos exorcismos, a virtude de expelir os demônios dos possessos; ora, nem a prece, nem os sagrados nomes de Deus e de Jesus, nem o si-

nal da cruz, etc., tiveram o poder de expelir o demônio dos sonâmbulos e das mesas que, segundo o snr. de Mirville, são verdadeiros possessos; logo, o ensino católico não ensina a verdade; logo, a Escritura, os SS. Padres e a Igreja, autoridades em que se firma o ensino católico sobre possessos e modos de curá-los, estão em êrro.

Qual o verdadeiro católico que ousaria ter semelhante linguagem?

Foi, pois, para não me colocar em tão arriscada posição, que entendi não partilhar a opinião do snr. de Mirville sobre as manifestações fluídicas dos Espíritos.

Dir-me-ão que, se os meios aconselhados pelo ensino católico para a expulsão do demônio, falham algumas vezes, depende isso da pouca fé de quem os emprega.

A esta objeção respondo:

Os pagãos não têm grande dóse de fé, e entretanto Orígenes diz que o nome de Deus, pronunciado mesmo por um pagão, expele o demônio. (*Orígenes contra Celsus*).

Muitas pessoas há, entre as quais piedosos eclesiásticos e leigos aferrados aos sacramentos, que têm feito comigo experiências, orando comigo, invocando comigo os sagrados nomes de Deus e de Jesus, etc.

Será crível que entre tais pessoas não houvesse uma que tivesse pelo menos a fé de um pagão? Não posso acreditar-ló.

Que! O venerável bispo que experimentou comigo e que, durante quatro anos, se sacrificou propagando a fé em longínquos países, não possuiria a fé de um pagão, para poder expelir os demônios em nome de Deus? Seria isso insultar a obra santa da propaganda da fé na pessoa de um dos seus melhores apóstolos!

Passemos adiante. Eis como S. João nos ensina a conhecer se um Espírito é de Deus ou não:

"Meus bem amados, eis como conhecéis se um Espírito é de Deus: todo o que confessa que Jesus Cristo veiu em carne, é de Deus; e todo o que não confessar que Jesus Cristo veiu em carne, não é de Deus. (Ep. 1.^a, cap. IX).

Instruído por S. João sobre o modo de conhecer os Espíritos de Deus, servi-me do meio indicado para descobrir a natureza dos Espíritos ou fôrças ocultas que produzem os fenômenos das mesas.

Foi assim que dirigi á minha pequena mesa,posta em movimento, a seguinte pergunta:

— Confessais que Jesus Cristo veiu em carne?

— Sim, respondeu ela.

Repetindo muitas vezes a mesma pergunta, tive sempre a mesma resposta.

Tendo feito essa experiência isoladamente na minha casa, quis vêr se, fazendo-a acompanhado, obtinha o mesmo resultado, e, nessa intenção, fui a pessoas instruídas, que se ocupavam desse gênero de estudos, e pedi a uma, que era médium, para comigo pôr as mãos sobre uma mesa.

Fazendo-se sentir o movimento, fiz-lhe a mesma pergunta que tinha feito á minha mesa, e tive a mesma resposta.

Depois dessas experiências, posso eu conscientemente crer na influência do demônio sobre as mesas falantes, sem considerar errôneo o testemunho de S. João?

Cabe ao snr. de Mirville responder-me.

Ainda tenho mais caminho a andar.

Lê-se no *Ritual*, capítulo dos energúmenos ou possessos, o seguinte:

Signa energumenorum sunt. Ignota igno loqui idque maxima serie verborum quæ previder non potuerunt intelligere distantia velita loquentem, et oculta patetfacere et vires supra etatis suæ naturam ostendere.

Se os demônios falam todas as línguas, como diz o *Ritual*, mesmo as desconhecidas, estou autorizado a dizer, baseado em grande número de experiências que fiz, que as mesas não falam todas as línguas, mesmo as conhecidas, nem as compreendem.

Um consultante, que não conhece o grego, não obterá resposta nessa língua, e, se dermos alguma pergunta escrita em linguagem que lhe seja desconhecida, para a mesa responder, ela não a compreenderá.

Se o snr. de Mirville desejar fazer comigo essas experiências, estou ás suas ordens.

Procurei vêr se as mesas possuam a faculdade que, segundo o *Ritual*, têm os demônios de vêr o que é oculto e de lêr no futuro, e obtive mais êrrros do que verdades nesse ponto.

Quanto ás forças físicas superiores que os demônios têm, segundo o mesmo *Ritual*, não há mesa alguma, cujo movimento não possa ser suspenso ou atenuado, desde que o experimentador envolva as mãos em seda: o que prova a sua deficiência de forças *supra naturam* e, conseguintemente, que não é o demônio quem lhe imprime o movimento.

O que, porém, dá mais força ás razões em que me baseio, para não aceitar a influência do demônio nos fenômenos das mesas falantes, é que, as tendo apresentado a quatro prelados da igreja de França, três dos quais figuram entre os que mais interêsse tomaram na questão religiosa das mesas, pedindo-lhes que as examinassem e me dissessem se eu estava em êrro, para me retratar e escrever em sentido contrário ás mesas, nenhum deles me disse que eu estava em êrro ou censurou o que por mim foi exposto.

Para o caso de ser preciso comprovar esse fato, guardo as cartas daqueles prelados.

Agora passemos aos médiuns.

Tendo ouvido dizer que ha pessoas, cujas mãos,

impelidas independentemente da vontade, escrevem coisas extraordinárias, quis assegurar-me dêsse fato.

Tomei um lápis, e, colocando a minha mão sobre um pedaço de papel, concentrei-me quanto pude.

Decorreram apenas alguns minutos, e eis que senti me arrastarem a mão, que traçou, inconscientemente, linhas, letras e palavras.

Muitas vezes repeti essa experiência com o mesmo êxito, tornando-me assim mélium de ordem secundária.

Desejando verificar se nesse fenômeno havia influência diabólica, para não mais dele me ocupar, perguntei á força oculta ou Espírito que movia a minha mão se era êle o demônio, ao que me respondeu que não.

Solicitei-lhe a prova, e logo a minha mão foi arrastada e traçou uma grande cruz.

Fiz, em seguida, as perguntas sobre Jesus Cristo que antes eu fizera á mesa, e as respostas escritas foram as mesmas; donde a conclusão de que os agentes da escrita dos médiuns são os mesmos do movimento das mesas, e não demônios, como tenho demonstrado.

Entretanto, para mais assegurar-me da não intervenção do demônio nos médiuns, tentei mais esta experiência:

Falando o demônio, segundo o *Ritual*, todas as línguas, mesmo as desconhecidas, no intuito de saber se a força oculta ou o Espírito que me fazia escrever, tinha essa faculdade demoníaca, o que provaria a intervenção dos demônios nos médiuns, exigi da força oculta que me fizesse escrever o *Pater* em muitas línguas. Disse-me ela que sim.

Tendo deixado a mão passivamente neutra, com uma pena escreveu ela o *Pater* de duas maneiras, que a força estranha me disse serem o valaco e o russo.

Pedi-lhe que escrevesse em francês, em hispanhol, em italiano e em latim; e ela o executou prontamente.

Pedi-lhe, ainda, que escrevesse em inglês e em alemão, e ela respondeu-me que não podia. Porque razão? Porque vós não escreveis essas línguas; o que era exato.

Então em que línguas podeis fazer-me escrever?

Nas que eu falava na terra: o valaco e o russo, e nas que vós falais.

Esse *Pater*, assim escrito, tive a honra de levá-lo pessoalmente ao Arcebispo de Paris, que m'o pediu.

Alguém me aconselhou que dissesse ao Espírito ou fôrça oculta que me fizesse escrever algumas frases em valaco, para mostrá-las a quem conhecesse essa língua.

Saber-se-ia assim se era ou não valaco o que se me tivesse feito escrever.

ACEITEI o conselho, porém tive a idéia de verificar eu mesmo o fato.

Escrevi, numa folha de papel, uma frase em francês, e tirei uma cópia noutra folha.

O Espírito fez-me escrever varias linhas, e me disse que a tradução em valaco era aquela.

Pedi-lhe que vertesse a frase para o hespanhol, para o italiano e para o latim, e êle o fez.

Tendo-lhe pedido uma versão para o inglês respondeu-me que não podia, porque eu não sabia aquela língua.

Deixei passar alguns minutos, e, tomado a cópia da frase, disse ao Espírito que fizesse com ela o mesmo que com o original.

O Espírito fez-me escrever a frase nas mesmas línguas que antes, e eu apressei-me em comparar as duas traduções.

Qual não foi, porém, a minha surpresa, quando, achando as traduções hespanhola, italiana e latina da cópia iguais ás do original, vi que a do valaco da cópia e a do original eram completamente diferentes!

Convenci-me de que o Espírito não conhecia o valaco, o que demonstrava não ser êle o demônio, segundo

o *Ritual*; entretanto, isso provava que me tinha enganado; repreendi-o severamente, chamando-lhe embusteiro e infame, e despedi-o da minha casa.

A minha mão, acometida de violento tremor, escreveu, em grandes caracteres: "Eu sou o demônio, e vós um mau padre, que busca conhecer os segredos de Deus".

Pois bem, respondi-lhe, é precisamente por me fazeres escrever que és o demônio, que eu não te acredito.

Segundo o *Ritual*, o demônio fala todas as línguas, e tu não falas o valaco nem o inglês, etc.; logo não és o demônio.

Se sou um mau padre, não é isso da tua conta. Deus é quem me julgará, e a seu santo juizo me curvarei.

Se me fosse dado vêr-te, como te sinto, eu te daria uma boa resposta, mas contento-me em deixar de fazer experiências contigo.

Apenas disse isto, a minha mão, arrastada, escreveu:

"Perdão! perdão! eu não sou o demônio. Se o disse, foi para vos meter medo, porque vós me atormentais com perguntas.

Vejo bem que sois um homem destemido. Não sois um mau padre, mas sim um grande pensador. Fazei as vossas experiências comigo, que vos direi sempre a verdade."

Pois bem! eu te perdôo; mas dize-me, sem me enganar; quais são as línguas que falas?

Eu não falo senão as que falais, e, se disse o contrário, foi para rir-me.

Quais são, então, as línguas que falam os Espíritos?

Unicamente as dos consultantes.

Essa sessão terminou assim.

Querendo verificar o que me foi dito pelo Espírito, fui a outro mélium psicográfico, e pedi-lhe uns trabalhos de escrita.

Em meio das nossas experiências, escrevi em uma folha de papel estas palavras em hespanhol: *como te llamas?* e sem dizer ao médium a significação daquelas palavras, pedi-lhe que as lêsse ao Espírito.

Ele pediu ao Espírito que as traduzisse; porém este ficou mudo.

Insistiu por uma resposta, e o Espírito fê-lo escrever: fatalidade.

Não condizendo a resposta com a pergunta, pedi ao médium que dissesse ao Espírito que aquilo não era resposta.

Foi então que este o fez escrever: "Se não respondi, foi porque não conheço essa língua".

Não compreendendo o médium o que havia lido ao Espírito, percebi que, se este não respondia em espanhol, era porque aquele não sabia essa língua, o que confirmava o que me disse o meu Espírito.

Então pedi ao médium que rogassem ao seu Espírito que respondesse á pergunta: *Como te llamas*, e ele disse: Benito.

Em francês: *Benoit*. Em latim: *Benedictus*.

Essa experiência, tendo confirmado o que me foi dito pelo meu Espírito familiar, que os Espíritos não falam senão as línguas do consultante, foi para mim uma nova prova da não intervenção do demônio nos médiuns; visto como, falando ele todas as línguas, segundo o *Ritual*, os médiuns não escreviam senão nas línguas que conheciam.

Se o snr. de Mirville quiser fazer alguma experiência desse gênero comigo, terei nisso grande prazer.

Nota bene:

O que há de particular no que me foi dito pelo Espírito de que sou o médium, relativamente ás línguas

de que se servem os Espíritos, quando falam aos homens, é o mesmo que foi dito, há 105 anos, pelo extático Swedenborg. Vêde o n. 236 da sua obra: *Céu e inferno*.

Deixemos o snr. de Mirville, a quem cabe o dever de esclarecer-nos sobre os fatos acima referidos e de conciliá-los com a sua *Pneumatologia*.

Passo agora a ocupar-me do *Sobrenatural em geral*, do snr. de Gasparin.

PARTE SEGUNDA

Todos os prodígios dos extáticos e dos sonâmbulos: as feitiçarias, as almas do outro mundo, as aparições, as visões, etc., são, em sua origem, devidas, segundo Gasparin, á excitação nervosa, á ação fluídica, e, algumas vezes, a alucinações.

Como não pretendo fazer aqui a análise e a crítica da obra do snr. de Gasparin, por me faltar competência, o que só têm os que se acham na mesma altura científica daquele autor, ocupar-me-ei sómente de alguns fatos que me são pessoais e que julgo estarem em oposição a certos pontos da doutrina do snr. de Gasparin, quanto ás suas mesas giratórias, ou ao *Sobrenatural em geral*, a que já me referi na introdução d'este opúsculo.

Começarei pelo êxtase.

Falando dos extáticos, o snr. de Gasparin assim se exprime:

"Quanto ás faculdades intelectuais, são elas capazes de receber naquele estado um prodigioso desenvolvimento.

Os extáticos declararam que tem duas almas, que uma voz estranha é que por eles fala, que recebem idéias desconhecidas, em termos que nunca tiveram á sua disposição.

Acontece mesmo que a camponeza, habituada ao patuá, fala francês, e que o iletrado se exprime em latim.

Ora, há nisso alguma coisa de sobrenatural? Certamente não; o que há é um estado fisiológico, em que se abrem tesouros de reminiscências, que o paciente ignorava possuir, mas que de fato possuía.

A camponeza já ouviu falar francês, e, sem que o soubesse, lhe ficou aquilo gravado no baixo fundo da memória inconstante, onde nada se apaga realmente.

Exaltada ou doente, ela adquire a posse daquela língua.

O negociante, que apenas fez estudos primários, e que nunca soube o latim, adquire a posse dessa língua, e tonteia o seu médico, a quem só nela falará."

Por essa teoria extática do snr. de Gasparin, conclui-se que as idéias enunciadas pelos extáticos, e de que não tinham êles conhecimento no estado normal, não são mais que reminiscências.

Como o snr. de Gasparin, eu admito a reminiscência, que não é senão a volta da alma ao pensamento de uma coisa, ou de uma idéia esquecida, apesar de gravada na memória.

Essa volta, entretanto, só se opéra a favor de algum trabalho intelectual que nos conduza á recordação de cousas ou idéias esquecidas.

Eu sou médium, e o médium, segundo as idéias correntes, é um sonâmbulo acordado. Ora, todo o sonâmbulo é extático, em maior ou menor gráu; logo, sou extático.

Pois bem; eu, que sou extático, tomo um lápis, e, colocando-o sobre o papel e concentrando-me, digo á força oculta que dirige a minha mão e a leva a escrever inconscientemente, que me faça escrever alguma coisa sobre a criação, se lhe fôr possível.

Apenas tenho pronunciado estas palavras, é a minha mão arrastada sem interrupção, e escreve sobre a criação coisas verdadeiras ou falsas, que me surpreendem.

Terminada a sessão e desejando verificar se essas idéias sobre a criação eram reminiscências, procurei ver se elas se haviam gravado na minha memória por alguma leitura ou por tê-las ouvido de alguém.

Nesse intuito, comecei a relêr os livros religiosos e filosóficos que podiam tratar da questão, porém, nada encontrei neles que se parecesse com o que escreví.

Consultei as bibliotecas públicas, e nada descobri aí, semelhante ao que a minha mão me tinha dado a conhecer sobre a criação.

Passando da leitura á audição, fiz uma revista retrospectiva de todas as universidades que frequentei, e não descobri um professor que tivesse tido aquela linguagem e que fosse mesmo capaz de tê-la.

A tal respeito, examinei as opiniões de todos os filósofos, naturalistas, teólogos e historiadores, com os quais tive relações científicas: nenhum havia falado da criação pela maneira por que a minha mão o fizera.

Depois do que acabo de dizer, faço o raciocínio seguinte: Examinando-se atentamente os meios pelos quais as noções sobre a criação expressas pela minha mão podiam ser gravadas na minha memória, nada indicou a menor suspeita de que essas noções me tivessem chegado por tais meios. Se, pois, as ditas noções não puderam chegar a mim, nem pela leitura, nem pela audição, elas não podiam ter sido gravadas na minha memória: não existindo em mim, não podiam ter sido esquecidas, nada m'as podia fazer lembrar. Se nada podia fazer lembrar-me noções que não existiam em mim, ou antes, na minha memória, essas noções sobre a criação, posto que expressas pela minha mão, não são reminiscências.

Isso não é bastante, porém, dissemos que na reminiscência é preciso um trabalho intelectual que, pela lembrança de um objeto, ideia ou noção, nos induza á recordação de um objeto, idéia ou noção esquecidos;

para que êsse trabalho se efetue, é preciso tempo ainda que pouco.

Coloquei a minha mão com um lápis sôbre o papel, e disse á fôrça oculta que escrevesse alguma coisa sôbre a creaçao; e, logo, e sem a menor interrupção, exprimiu a minha mão, pela escrita, as noções que eu havia pedido á fôrça oculta.

Logo, em que momento pôde operar-se o trabalho intelectual? Quais as coisas, idéias ou noções, cuja recordação pôde conduzir-me á lembrança das noções sôbre a creaçao, expressas pela minha mão?

Convir-se-á que, nesse fenômeno, nem o trabalho intelectual, nem a recordação de uma ou várias coisas ou idéias conduzindo-nos á lembrança das noções sôbre a creaçao, existiram, o que é uma dupla prova da não reminiscência nas idéias ou noções sôbre a creaçao escrita pela minha mão, arrastada sem eu o saber.

Agora, se as noções sobre a creaçao escritas pela minha mão não são reminiscências, se não foram sugeridas pelo demônio que, segundo o snr. de Gasparin, é inteiramente estranho a êsses fenômenos, se não foi a alma de alguma pessoa morta que fez agir a minha mão, visto que o snr. de Gasparin, como protestante, não crê nas almas do outro mundo nem nas comunicações dos vivos com os mortos: — quem, então, pôde fazer escrever a minha mão, sem que eu o soubesse, coisas tão novas para mim?

Rogo, pois, ao snr. de Gasparin explicar-me êsse fenômeno, que parece estar em oposição com a sua teoria sôbre os prodígios dos extáticos.

Quanto ao que a minha mão escreveu, se o snr. de Gasparin desejar vê-lo, poderei corresponder aos seus desejos.

Mas, que dirá o snr. de Gasparin, quando, tendo pedido ao Espírito para responder-me por escrito a uma coisa que eu sabia, êle não o pôde fazer, ou me respon-

deu contra as minhas idéias e convicções? Há aqui reminiscência?

Passo agora ao sonambulismo.

Falando do sonambulismo, eis o que diz o snr. de Gasparin no seu *Sobrenatural*:

“A clarividência dos sonâmbulos parece não ter, em geral, senão o caráter de um estro. Os seus prodígios são prodígios de reminiscência ou de percepção das imagens e das idéias que estão na inteligência das pessoas com quem os sonâmbulos se põem em relação. Tal me parece ser o segredo do magnetismo animal, bem pouco modificado desde a sua origem.” Tomo II, pag. 311.

Do que nos diz o snr. de Gasparin, segue-se que, toda a vez que um sonâmbulo nos diz, no seu sono, estar vendendo a alma de uma pessoa morta, dando os sinais exatos do defunto, não é a pessoa morta que êle vê, mas sim a sua imagem gravada na sua memória, se conhecem o defunto, ou na do consultante com quem está em relação.

De maneira que os sonâmbulos, nessas aparições de mortos, não fazem mais que reproduzir fatos de reminiscências ou de subtração de imagens e pensamentos de outrem.

Após o snr. de Gasparin, cabe-me a vez de falar: Em Janeiro de 1848 foi publicada uma obra, intitulada *Os arcanos da vida futura revelada*.

Tendo atraido a minha atenção o seu título, procurei-a e não encontrei nela senão uma narração de aparições de pessoas mortas, feitas a sonâmbulos.

Em questão tão delicada, julguei necessário consultar as Escrituras, para vêr se as aparições dos mortos a vivos eram admitidas pelos livros sagrados.

Abri, pois, a Bíblia, e a primeira passagem que se me apresentou, foi o cap. XXVII do livro I dos Reis, onde está escrito que Samuel apareceu á pitonisa de Endor, e que, por meio dela, falou a Saul; aparição

essa que não dferia das que o snr. Cahagnet dava no seu livro *Arcanes*.

Vi depois no n. 2, livro dos Macabeus, o sumo sacerdote Onias e o profeta Jeremias aparecendo a Judas Macabeu.

Vejo em S. Mateus, cap. VII, a aparição de Moisés e de Elias a Pedro, João e Jaques, no Tabor.

Lá, enfim, no cap. XXVIII do mesmo S. Mateus, que muitos mortos apareceram quando Jesus expirou.

Convencido, pela Bíblia, da possibilidade, ou antes, da realidade das aparições dos mortos aos vivos, propuz a seguinte questão:

“Aquelhas aparições que, segundo a Bíblia, se efetuaram nos tempos idos, não serão possíveis nos tempos presentes?”

Para resolver essa questão, ainda quis interrogar a Bíblia, e achei o Espírito Santo, no Eclesiastes, ensinando: *O que foi é o que será; e o que tem sido feito é o que se fará*.

À vista disso, conclui: as aparições dos mortos aos vivos foram reais, segundo a Bíblia; e o que se deu em um tempo, deve-se dar em todo o tempo, segundo a Bíblia; logo, nada se opõe a que as aparições, que se deram em tempos idos, se repitam hoje, se Deus o permitir.

Tratava-se, porém, de saber se as aparições referidas nos *Arcanes* eram verdadeiras, ou se não passavam de contos ou ilusões.

A solução dêsse problema pertencia-me.

Foi para desempenhar-me dessa tarefa que me apresentei ao Autor dos *Arcanes*, e tive com él uma discussão muito séria sobre a sua obra, do que resultou a aparição do meu irmão José, a terceira que figura no 2.º volume dos *Arcanes*.

Com efeito, pedi a aparição daquele meu finado irmão, e, alguns minutos depois, a lúcida Adéle me

disse estar vendo uma pessoa, que, pelos sinais dados sobre o carácter, sobre a molestia e lugar da sua morte, só podia ser aquele meu irmão.

Essa aparição produziu em mim tão profundo abalo, que não pude dormir á noite. Eu procurava explicar aquele fenômeno.

Depois de muito fatigar-me, julguei explicáveis tais aparições pelos mesmos meios hoje adoptados pelo snr. de Gasparin.

Disse comigo: os sonâmbulos vêm as imagens das coisas gravadas na memória das pessoas com quem estão em relação.

A imagem do meu finado irmão estava gravada na minha memória, e, pois, bastou o snr. Cahagnet pôr-me em relação com a sua lúcida, para que esta a visse em mim.

Assim pensando, escrevi ao snr. Cahagnet, dizendo-lhe que, a respeito da minha conformidade de ontem sobre a realidade da aparição do meu irmão, os meus conhecimento magnéticos me obrigavam hoje a pensar diversamente, e que, portanto, reclamava novas experiências.

Tendo o snr. Cahagnet aquiescido aos meus desejos, obtivemos duas aparições: uma do mesmo meu irmão, e outra de Antoinette Carré, irmã da minha creada, aparições que se acham consignadas no 2.º volume dos *Arcanes*.

Os sinais que deu a sonâmbula das duas pessoas aparecidas, não podiam ser mais exatos; mas eu, sempre com a idéia de que a sonâmbula as tinha visto na minha memória, nada adiantei com essa sessão.

Curioso, porém, de saber se outros sonâmbulos possuam a mesma faculdade da lúcida de Cahagnet, pedi ao snr. Lecocq, relojoeiro da marinha, residente em Argenteuil, que fizesse algumas experiências com a sua irmã, sonâmbula muito lúcida.

O snr. Lecocq, para satisfazer-me, fez no dia 5 de Fevereiro de 1848 a experiência pedida, e obteve cinco aparições, dentre as quais três de pessoas completamente desconhecidas de todos nós, as quais deram os seus nomes.

Só depois de minuciosas informações das pessoas que tinham conhecido os três aparecidos, foi que nos pudemos assegurar da sua identidade, como resulta da carta que o snr. Lecocq me escreveu, e que eu puz á disposição do snr. Cahagnet, carta essa que foi publicada no 2.^º volume dos *Arcanes*, pag. 244.

Em vista dêsse fato e de outros do mesmo gênero, de que eu tinha conhecimento, a minha opinião sobre a subtração das imagens e das idéias da memória dos consultantes, começou a modificar-se.

Entretanto, para convencer-me completamente da realidade das aparições, era preciso que eu mesmo tivesse provas minhas.

Animado dêsse desejo, pedi a pessoa do meu conhecimento que me dêsse o nome de batismo e de família de algum morto meu desconhecido, e essa pessoa forneceu-me o de José Moral.

Á joven sonâmbula de treze anos, de que falei na primeira parte dêste opúsculo, e que se achava um dia adormecida pela sua mãe, na minha casa, pedi que fizesse aparecer José Moral.

Tinha apenas decorrido dois minutos, e eis que a sonâmbula acusa a presença de um homem, cujos sinais deu com toda a minuciosidade.

Não tendo conhecido José Moral, e não podendo conseguintemente saber se aqueles sinais eram os seus, limitei-me a tomá-los por escrito.

Terminada a sessão, fui ter com a pessoa que me tinha dado aquele nome, e, tendo eu lido o que disse a sonâmbula sobre a aparição, ela exclamou: Senhor, como

pudestes fazer uma descrição tão exata do snr. José Moral, sem tê-lo conhecido nem visto??

Esse fato deu-me a convicção de que os sonâmbulos, nas suas comunicações com os mortos, não vêem a imagem dêsses na memória dos consultantes, mas sim os vêem como a pitonisa de Endor viu a Samuel.

Se o snr. de Gasparin desejar conhecer a pessoa que me deu o nome de José Moral, terei prazer de apresentá-la na sua casa.

Apreciemos mais outro fato, do gênero precedente, porém ainda mais interessante.

O snr. de Sarrio, de Alicante, na Hespanha, cavaleiro de Malta, deu ao meu irmão José, aquele de quem acima falei, 15.000 francos para serem distribuídos pelos pobres, soma de que meu irmão passou recibo.

Por morte do snr. de Sarrio, o seu irmão Marquez d'Algolfa, seu herdeiro, achou entre os papeis do defunto aquele recibo, e, desejando saber se todo o dinheiro já tinha sido distribuído pelos pobres, dirigiu-se á minha irmã, que era a herdeira do meu irmão José, já falecido.

Minha irmã, que não conhecia os negócios do irmão, por não ter vivido com êle, pôs á disposição do marquez os assentamentos do defunto.

Daqueles assentamentos só constava a distribuição da metade da soma, e, á vista disso, o marquez reclamou da minha irmã a outra metade.

A minha irmã quasi nada tinha herdado, por ter aceitado a herança em benefício do inventário, e não se julgando responsável por dinheiro que não tinha visto e cujo paradeiro ignorava, recusou satisfazer a exigência do marquez, donde uma demanda proposta por êste.

Muito aflita por causa dessa demanda, que, além de tudo, lhe trazia dispêndios impossíveis, a minha irmã

escreveu-me de Alicante, referindo-me o ocorrido.

Contrariado com isso, dirigi-me á lícida de que acima falei e lhe pedi a aparição do meu irmão, com quem ela se tinha comunicado muitas vezes, segundo afirmava.

Disse-me êle que estava presente; interroguei-o sobre o negócio do dinheiro recebido do snr. de Sarrio, censurando-o pelo modo como tinha procedido áquele respeito e pelos incômodos que estava causando á nossa irmã.

O meu irmão, admirado da minha linguagem, declarou que a ninguém ficou devendo e que o dinheiro em questão dera-o ao padre Mário, antes de morrer, para que o distribuisse pelos pobres — e que ia fazer vir o padre Mário para o confirmar.

Apenas o meu irmão deixou de falar, disse-me a sonâmbula que via um homem junto dela e, pelos sinais, reconheci um monge capuchinho. Esse monge confirmou o que havia dito o meu irmão.

Como nunca tinha eu ouvido falar do padre Mário tendo deixado Alicante há mais de trinta anos, e, portanto, nenhum juizo podendo fazer a seu respeito, limitei-me a pedir-lhe informações sobre o seu país e sobre a sua família, ao que êle me respondeu que era de S. Vicente do Respeito, a uma légua de Alicante, etc., etc.

A vista dessa revelação, escrevi á minha irmã, fazendo-lhe as seguintes perguntas:

O nosso irmão José foi visitado antes de morrer por um padre chamado Mário, que tinha uma irmã em S. Vicente do Respeito?

Sabes se Mário já é morto?

Eis a resposta:

“Quanto ao padre Mário, há muitos anos deixou este país, e não se sabe se está em França, ou se na América; êle não visitou o nosso irmão na sua moléstia,

porque muitos meses antes havia saído daqui; tinha duas irmãs, das quais uma estava na Argélia e a outra o acompanhou.”

As cartas escritas por mim á minha irmã e as respostas desta, com outros detalhes, foram publicadas no 3.^o volume dos *Arcanes*, e os seus originais, ainda em meu poder, estão á disposição do snr. de Gasparin.

Agora, seja-me lícito fazer uma pergunta a êsse senhor sobre a último fato.

Se a aparição do padre Mário não é uma alucinação, mas sim uma realidade provada pelas cartas da minha irmã que confirmam a existência daquele padre;

Se não é o demônio que, tomando a fórmula do padre, apareceu á sonâmbula, visto que o snr. de Gasparin repele a intervenção do demônio nos fenômenos do sonabulismo;

Se não foi a alma do padre que apareceu á sonâmbula, visto que o snr. de Gasparin não admite a comunicação dos mortos com os vivos:

Como explicar-se o fenômeno sonambúlico do padre Mário e conciliá-lo com o seu *sobrenatural em geral*?

São êsses os fatos que tenho por ora a opôr ao *sobrenatural* do snr. de Gasparin.

Com o tempo lhe hei de dizer mais, assim como ao snr. de Mirville sobre o sonambulismo e sobre as mesas e os médiuns.

Se o snr. Marquez de Mirville e o snr. Conde de Gasparin não responderem ao meu apêlo, êsse silêncio muito comprometerá os interesses da verdade, da ciência e da religião.

E, pois, para não prejudicar tão sagrados interesses é que eu espero que êsses senhores satisfaçam aos meus desejos.

Se lhes fôr mais cômodo responder-me verbalmen-

te, muito me honraria procurá-los, para ouvir, com tanta atenção quanto reconhecimento, tudo o que se dignarem dizer-me a respeito dos fatos que tenho aqui exposto.

Esses fatos eu os publicarei, se assim o exigirem os interesses da verdade, da ciência e da religião.

Abade *Almignana*.

NOTA DO REDATOR DA "REVUE SPIRITE" DE PARIS

Lendo na *Revue* a primeira parte da brochura do Abade Almignana, o snr. Van-de-Ryst, diretor do *Messenger*, de Liege, exprimimos-nos a sua imensa satisfação e a dos seus amigos.

Ele nos pede que façamos uma brochura popular desse trabalho, e que lhe ajuntemos um artigo que saiu no jornal *Le Spiritisme*, de Fevereiro de 1889, intitulado: *Viagem ao país das recordações — Enviado pelo Papa*, o que completará brilhantemente a brochura.

Damos em seguida, e por extenso, o artigo do jornal *Le Spiritisme*, e os nossos leitores julgarão como Van-de-Ryst, que ele corrobora as experiências do snr. Almignana, provando, da maneira mais positiva, que desde o princípio do Espiritismo o clero católico conheceu todo o valor das manifestações e que só recentemente é que procura sufocar a verdade, o grande culpado!

ENVIADO PELO PAPA

Para encorajar os nossos esforços e julgar por si mesmo da marcha dos nossos trabalhos, Allan Kardec vinha, de tempos em tempos, presidir a uma das nossas sessões.

Ele nos esclarecia com os seus conselhos, nesses dias que nos eram de festa, e em que a nossa sala, como

por milagre, chegava para toda a multidão, que tinha a coragem de passar a noite de pé, para ouvir o Mestre.

Uma vez apresentou-nos um visitante, um dos nossos, que era engenheiro.

O nosso hóspede representava ter 58 anos; parecia um verdadeiro fidalgo.

Apressou-se em nos dar o seu cartão, no qual lêmos — Conde de Brunet de Paisay.

Entendemos que devíamos guardar em silêncio o título do nosso visitante, para que os médiuns não o conhecessem.

A sessão seguiu o seu curso natural, obtendo-se comunicações escritas e passando-se ás manifestações físicas.

Convidamos o snr. de Brunet a aproximar-se da mesa, e a mesa, á sua aproximação, agitou-se nervosamente, inclinando-se imediatamente para él, que parecia admirado dessa deferência.

— Quem és? perguntou o snr. de Brunet.

— Um amigo.

— Dize o teu nome.

— D. Pedro de Castillan.

— Onde me conheceste?

— Em Roma.

— Em que ponto?

— No Vaticano.

A essa resposta inesperada, todos os presentes começaram a rir, acreditando numa mistificação.

O conde, porém, não ria: estava pálido de emoção e continuou as suas perguntas ao Espírito, que ditou a seguinte frase:

Sêde homem de boa fé e, a exemplo dos discípulos de João, ide dizer a Roma o que vistes e ouvistes esta noite, mas, principalmente, dizei que soou a hora da renovação moral!"

O conde ficou estupefacto, e, compreendendo que

nos deveria uma leal explicação, confessou-nos que él era enviado pelo Papa, em missão de estudar os fenômenos espíritas; depois do que, retirou-se profundamente comovido.

Quando ficámos sós, depois de terem saído os companheiros de trabalho, a minha mulher, levada por um movimento instintivo, ou por curiosidade, tomou o cartão do enviado do Papa, que estava sobre uma mesa, e — qual não foi o seu espanto, vendo aparecer entre o papel e o verniz do cartão, caracteres que diziam, em seguida ao nome do snr. de Brunet de Paisay — *camarista privado de capa e espada de S. S. Pio IX!*

Esta frase não se podia perceber senão inclinando-se o cartão em certo sentido.

O que dirão a isto os senhores que explicam *tudo por sugestão*, se nessa época a sua teoria ainda não era nascida?

Que lição para toda a gente!

Ainda há um documento da boa fé de certos membros do clero, a respeito dos fenômenos espíritas, obtidos quasi na mesma época.

Dessa vez não se mete a bandeira no bolso; apresenta-se sem rebuço o nome dos visitantes: um deles era o padre Marouzeau, autor de uma obra desbragada contra o Espiritismo, na qual os raios da sua eloquência, de envolta com os do Vaticano, deviam para sempre pulverizar os Espíritos, assim como aqueles que ousassem crer na sua existência.

Vieram também: um teólogo distinto, o snr. Marêne, diretor das conferências de S. Sulpice, o snr. Delameaux, membro do Instituto, o snr. Dozon, diretores da *Revue d'Outre Tombe*, e o snr. Pierard, redator da *Revue Spiritualiste*.

Discutiu-se largamente, muito largamente, sobre as

leis da reincarnação e princípios gerais da doutrina, sem que se chegasse a um acôrdo.

Propusemos passar á demonstração dos fatos, e veiu-nos uma idéia feliz, no intuito de convencermos aqueles senhores que negavam o movimento das mesas: foi servirmo-nos de uma enorme escrevaninha de carvalho massiço, cheia de objetos, que se achava em um quarto próximo da sala dos nossos trabalhos.

Quando os visitantes viram o que íamos fazer, não puderam dissimular o riso de mofa que indicava a sua incredulidade preconcebida.

Poderiam por ventura acreditar que tão pesada mesa se prestasse ao fim que tinhamos em vista?

Só por milagre, disse um deles, e entretanto o milagre se operou.

Atendei: o snr. Pierard fez a evocação com aquele ar magistral que lhe é habitual.

Colocámos os espectadores, como de costume, nos dois lados da escrevaninha, de pé e tendo apenas as mãos ligeiramente postas sobre ela.

No fim de alguns minutos, a pesada mesa começou a mover-se da direita para a esquerda e vice-versa, segundo o desejo de um dos assistentes.

Ouvia-se tambem, por instantes, o crepitar de ligeiros golpes dados no interior da peça.

Estupefação geral!

Nesse ponto, o mais ungido pela devoção, não podendo negar o movimento do móvel, disse-nos mudando de tática:

— Conheço o meio de impedir êsses movimentos desordenados, pois que êles são produzidos pelo Espírito do mal.

— Qual é esse meio? perguntámos.

— Muito simples: basta colocar sobre a escrevaninha uma imagem do Cristo, para que o diabo se retire imediatamente na presença do Filho de Deus.

— Trago sempre uma comigo, disse a snr.^a Dozon; quereis tentar a experiência, snr. cura?

O snr. cura mutio triunfante, tomou a pequena cruz de marfim, tão a propósito aparecida, e pô-la com ênfase, talvez com convicção, sobre a escrevaninha.

— Em nome do Cristo, nosso Senhor e nosso Deus, disse orando, *vade retro, Satanaz!*

E nós ouvimos o evocador redobrar de preces e de exorcismos.

Pobre cura! Parece-nos ainda estar vendo a sua fisionomia decomposta, diante do fato de se tornarem os movimentos da escrevaninha ainda mais acentuados que antes da sua esconjuração!

Ah! Eles protestavam, a seu modo, êsses caros Espíritos, contra a imputação que lhes fizera o cura!

Protestavam com tal energia, que as gavetas, contendo objetos pesados, saiam dos seus lugares e caiam com grande ruído no soalho, enquanto a pequena cruz se sustentava no lugar onde tinha sido posta, mantida por uma força invisível!

Julgais que êsses fenômenos os convenceram?

Afirmamos que não, porque a guerra da parte do clero continuou com mais violência.

Não é o caso de aplicar a êsses professores de teologia o preceito do Evangelho, que êles mesmos citam tantas vezes em seus sermões aos profanos?

Oculos habent et non vident;
Aures habent et non audient.